

★ AUTORA MULTIPREMIADA ★

ONJALI Q. RAUF

θ

LEÃO

por cima
da

POR

TA

Dedicado à coragem de

Tan Kay Hai

Elizabeth Choy

Birendra Nath Mazumdar

Noor Inayat Khan

Manta Singh e Assa Singh

Mohammed Akbar Khan

Jaston Khosa

John Henry Clavell Smythe

Adelaide Hall

*e dos milhões de homens e mulheres cujos nomes e histórias
merecem ser conhecidos e homenageados por aqueles
que salvaram e por quem lutaram e morreram.*

E para a minha mãe, o Zak e os nossos antepassados.

Sempre.

*Se a cruel guerra tanta estátua apeia
e alvenarias na raiz degrada,
nem Marte a ferro e fogo te incendeia
tua viva memória assim guardada.*

WILLIAM SHAKESPEARE*

*আজি সেই চির-দিবসের প্রেম অবসান লভিয়াছে
রাশি রাশি হয়ে তোমার পায়ের কাছে।
– রবীন্দ্রনাথ ঠাকুর*

*Hoje ele acumulou-se aos teus pés,
encontrando o seu fim em ti,
O amor de todos os dias, de todos os homens,
do passado e de sempre...*

RABINDRANATH TAGORE**

* Tradução de Vasco Graça Moura em *Sonetos de Shakespeare* (Quetzal Editores, 2016). [N.T.]

** Tradução de José Agostinho Baptista em *Poesia* (Assírio & Alvim, 2011). [N.T.]

ÍNDICE

1. A visita de estudo	9
2. A nódoa negra invisível	21
3. O leão que rosnava	31
4. A promessa	42
5. Os quadros de honra	52
6. A campanha da hora de almoço	64
7. Vidas duplas	75
8. As páginas em falta	86
9. Becos sem saída	96
10. Às armas	111
11. Um novo recruta	119
12. Informação confidencial	127
13. Os jogos de imitação	136
14. A despesa de operações	154
15. Um fogo pouco amigo	164
16. Ressuscitar os mortos	172
17. Correntes de papel	185
18. Bateram à porta	196
19. Cumprir o serviço	205

20. O ramo que falta	214
21. Aterragens desastrosas	227
22. Reunir as forças	240
23. O rugido final	254
Combater o preconceito e o racismo	269
O racismo na Segunda Guerra Mundial	271
Os heróis e as heroínas desta história	273
Decifrar o código	290
Quem é o leão do teu mundo?	293
Os rostos dos heróis e das heroínas do passado	295
O que há num nome?	301
As forças aliadas da Segunda Guerra Mundial de A a Z	303
Nota da autora	309
Agradecimentos	313

... — — — — —

I. A VISITA DE ESTUDO

— Que bom, a visita de estudo é já amanhã! Tens a declaração assinada? Espero que haja coisas boas para comprar na loja de recordações. Detesto quando, além de umas borrachas e umas réguas minúsculas, só têm aquelas coisas tristíssimas para adultos, como panos de cozinha e bolachas. Pelos vistos, há quem *colecione* panos de cozinha. Mas como? Talvez os pendurem na parede como quadros numa galeria. Há pessoas *tão* estranhas...

A Sangeeta olhou para mim, para ver se eu ainda estava a ouvir, e depois continuou a falar. Se eu decidisse não voltar a falar, tenho a certeza de que continuaria a falar sozinha o resto das nossas vidas. O meu pai diz que ela fala pelos cotovelos.

— Olha, estás a ver a Katie? E a Sarah? E o Tom desdentado, da turma da Prof.^a Thompson? Bem, ao que parece, já foram à catedral, provavelmente para ver um concerto ou algo do género. E dizem que há um palavrão numa das lajes do chão, mesmo em frente à igreja. Gostava de saber o que

diz, e se o pároco sabe disso. Deve saber, se está *mesmo* ali à frente. Espero que o vejamos amanhã... Ooooooh! Já tocou! Vamos, uma corrida até lá!

A Sangeeta largou a correr a grande velocidade em direção às portas da escola, com as suas garridas galochas amarelas a piscar para todos os lados como raios enlameados, e as suas longas tranças pretas a agitarem-se no ar.

A Sangeeta adora fazer corridas. Ainda mais do que gosta de falar. E não é só com as pernas que faz corridas, mas também com o cérebro. Nas aulas, quando estamos a ler, tem sempre de ser a primeira a acabar de ler o livro e, quando nos fazem uma pergunta, tem sempre de ser a primeira a responder. Acho até que, quando está sozinha, chega a competir consigo mesma. Somos tão diferentes que às vezes me parece estranho que sejamos amigos. Mas somos os únicos da nossa escola que se parecem connosco, por isso, de certa forma, as diferenças acabam por não ter importância.

Corri atrás dela o mais rápido que pude, até que alguém me pregou uma rasteira e tropecei. Por sorte, como já estou habituado, em vez de cair no chão fui contra uma parede.

— Olha aí, ó chinoca — ciciou o Toby, suficientemente baixo para que ninguém ouvisse.

Olhando em volta para garantir que ninguém estava a ver, empurrou-me e foi-se embora a correr. Mesmo atrás dele vinham o Harry, que fingia que eu não existia e nunca olhava para mim, e a Catherine, que se ria sempre baixinho por achar graça a tudo o que o Toby fazia.

Ignorei-os, como ignoro sempre, e fui para a sala de aula.

— Muito bem, todos sentados! Silêncio, por favor. Silêncio! — gritou o Prof. Scott, batendo na sua mesa com força para que todos se calassem. O Prof. Scott adora bater na mesa. É por isso que tem sempre as mãos da cor de framboesas esmagadas.

Quando todos se calaram e pararam de se mexer e de cochichar, o Prof. Scott debruçou-se na mesa e pegou numa folha de papel. Era altura de sabermos a tão importante resposta à muito importante pergunta em que tínhamos estado todo o dia a matutar: quem é que iria à visita de estudo no dia seguinte, e quem é que não iria, claramente por ter pais que, ao não assinarem a declaração, tinham arruinado a vida dos filhos para todo o sempre.

— Ora bem — disse o Prof. Scott, segurando na folha onde estavam os nomes.

Olhámos todos para a folha na tentativa de ver os nomes, como se estivéssemos a fazer um exame à vista, mas as letras eram demasiado pequenas para que as conseguíssemos ler.

Quando o Prof. Scott virou a folha de maneira que ninguém conseguisse ver, fiz fisgas debaixo da mesa com toda a força. Os meus pais tinham-me prometido que podia ir e que tinham enviado todas as declarações, mas, com os pais, nunca se sabe. Principalmente quando não sabem qual dos dois ficou de nos vir buscar à escola e chegam sempre atrasados.

— David, Catherine e Toby... — leu o Prof. Scott. — Os vossos pais não entregaram as declarações, e hoje era a data-limite. Por isso, amanhã vão ter de ficar na escola.

Toda a turma se virou para olhar para as pobres vítimas de crueldade parental que ficariam para trás com a pior forma de tortura que havia na escola: o Prof. Denby. O único professor do mundo que achava que passar o dia a ler Shakespeare era mesmo melhor do que ir à Disneylândia. Sabíamo-lo porque usava uma t-shirt que dizia: *Ir à Disneylândia? Nem pensar! Passar o dia a ler Shakespeare? Mal posso esperar!*

— Professor, porque é que o Leo e a Sangeeta podem ir e eu não? — exclamou o Toby. — Provavelmente, nem os deixam entrar na igreja! E, ALÉM DISSO, os meus bisavós sobreviveram à guerra e essas coisas, e os deles não. Por isso, tenho mais direito a ir do que eles!

— Exato! — acrescentou a Catherine, com os olhos vermelhos e brilhantes.

A turma voltou-se para olhar para mim e para a Sangeeta. Nós olhámos em frente, para o Prof. Scott, que é o que fazemos quando toda a gente fica a olhar para nós. É o problema de termos uma aparência diferente da de todos os outros. Há sempre alguém que não gosta de nós, *principalmente* se podemos fazer alguma coisa que eles não podem.

— Porque os pais deles disseram que eles podem ir, e os teus não — disse o Prof. Scott, atirando a folha para a mesa com rispidez. — Mais alguma coisa?

O Toby olhou para mim e para a Sangeeta de uma forma que queria dizer que a vida dele não era justa e que, de alguma forma, nós éramos responsáveis por isso. Depois, abanou a cabeça e grunhiu para dentro das mãos. O David fungou e a Catherine cruzou os braços, olhando zangada para tudo e todos. Até para o teto.

— Bom, agora que está tudo claro, vamos às regras elementares para o dia de amanhã...

O Prof. Scott foi até ao quadro e, pegando numa caneta vermelha, começou a escrever palavras que pareciam tão altas e zangadas como as que agora nos gritava.

— NADA de empurrar, nada de encontrões, nada de brigas! NADA de se armarem em espertinhos no Museu da Força Aérea Real NEM na catedral. Nada de se perderem do vosso parceiro de propósito NEM de se esquecerem de quem é o vosso parceiro. Adam e Evelyn, ouviram bem? NADA de se afastarem e de se juntarem a outro grupo. Kerry e Christina, vou estar de olho em vocês. NADA de trazerem dinheiro a mais para gastar. E NADA de perguntas impertinentes... Rápido, alguém me diga o que quer dizer «impertinente»!

Fiquei a ver levantarem-se as mesmas três mãos de sempre.

— Sim, Gary? — perguntou o Prof. Scott.

O Gary baixou a mão, ficou muito vermelho e disse:

— Uma coisa que não... dura muito tempo?

A Sangeeta mostrou-se impaciente e continuou a abanar a mão no ar.

— Não... estás a fazer confusão com *impermanent* — respondeu o Prof. Scott. — Sangeeta?

— Ser malcriado e faltar ao respeito a pessoas mais velhas — disse a Sangeeta. Fez-me um sorriso de esguelha porque ambos sabíamos como é que ela conhecia tão bem aquela palavra: os pais, os tios e os avós estavam sempre a dizer-lhe que não o fosse.

— Exatamente — disse o Prof. Scott. — Por isso, se ninguém for *impertinente* e todos cumprirem as regras, talvez possa haver um dia no ano em que não grito convosco. E pode ser que a Prof.^a Fitzgerald passe a confiar em nós e possamos fazer outra visita de estudo em breve.

— Sim! — disse o Toby em voz alta. — Talvez àquela estúpida quinta agrícola!

Toda a gente se riu baixinho, porque era o local de quase todas as nossas visitas de estudo. O facto de a nossa escola ser numa vila no meio do nada significava que uma visita às quintas da zona era um «momento de aprendizagem emocionante». Pelo menos, era o que prometiam todos os professores. Mas as visitas nunca eram emocionantes e nunca ninguém aprendia nada, tirando que todas as quintas agrícolas cheiram mesmo muito a cocó.

Por isso, estávamos muito entusiasmados com a visita de estudo do dia seguinte. Era a primeira vez que íamos andar num autocarro a sério e visitar uma cidade *a sério*, com museus *a sério* e, com sorte, lojas de doces *a sério*. Lojas que não vendessem legumes e ao mesmo tempo funcionassem como postos dos correios.

— Vá, meninos. Bem sei que Whot não é exatamente Londres, mas devíamos ter orgulho nas nossas quintas e explorações agrícolas — disse o Prof. Scott num tom sério. — É o ganha-pão da maioria dos vossos pais, lembram-se? Agora, abram os manuais e vamos recapitular o que vamos ver amanhã.

O Prof. Scott começou a falar de algumas das histórias da Segunda Guerra Mundial que iríamos ouvir no museu no dia seguinte. Já tínhamos aprendido que a guerra tinha começado quando a Alemanha tinha invadido a Polónia e tínhamos ficado a saber que o Hitler tinha bombardeado França e muitos outros países europeus. Agora íamos falar sobre a «Batalha da Grã-Bretanha».

Abri o meu manual e observei as fotografias a preto e branco que tinha diante dos olhos. Eram de pilotos da Força Aérea Real, a sorrir, de casaco de cabedal e lenço ao pescoço, ou com casacos cheios de medalhas feitas de moedas muito grandes. Pareciam atores de filmes de ação e tinham nomes como «Arthur», «William» e «George», tal como os membros da família real. Talvez fosse preciso ter aspeto de ator e um nome sonante para se ser combatente de guerra, ter medalhas e aparecer nos livros de História.

Olhei para a Sangeeta, que lia à pressa a ficha que o Prof. Scott nos tinha dado. Percebi que estava a ler a grande velocidade porque estava com a cara a menos de um centímetro da folha de papel e mexia os lábios muito depressa.

Quando acabou, olhou para mim e franziu o sobrolho.

— O que foi? — disse ela.

Encolhi os ombros.

— Sabes como se chamava o teu bisavô? — perguntei.

A Sangeeta continuou a olhar-me da mesma forma.

— O meu *bisavô*? Hum... não — respondeu. — Mas de certeza que era Qualquer Coisa Singh. *Toda a gente* na minha família se chama Singh. É um tédio.

Passei o resto do dia a pensar como se chamaria o meu bisavô. De certeza que não se chamava «Arthur», «William» nem «George», como os soldados do manual.

— Muito bem! Às oito e meia em ponto em frente ao portão da escola — anunciou o Prof. Scott no final do dia. — Não é às oito e trinta e um! Nem às oito e trinta minutos e trinta segundos! É às oito e trinta! E não se esqueçam de dizer aos vossos pais que TODO o dinheiro para gastar tem de estar num envelope com o vosso nome E a quantia tem de estar escrita na parte da frente, e têm de mo entregar A MIM! Podem levar no máximo cinco libras. E que eu não apanhe ninguém a trazer mais do que isso, porque não o vão poder gastar!

— Isto é tão parvo — sussurrou a Sangeeta, enfiando muito depressa o manual na mochila, na esperança de ser a mais rápida da turma. — O que podemos comprar com cinco libras? Às vezes, um lápis custa duas libras e meia! A escola não sabe nada sobre a taxa de inflação nas lojas de recordações.

Percebi que estavam todos a queixar-se do mesmo e tinha a certeza de que a maioria, incluindo eu e a Sangeeta, ia mesmo tentar juntar mais umas moedas de alguma forma.

Tinha ouvido a Kerry dizer que ia colar tudo o que tinha à barriga. E era quase certo que o Adam havia de coxear muito nesse dia. Coxeava sempre que tinha alguma coisa escondida na meia. Uma vez, o Prof. Scott encontrou três berlindes e um pacote de pastilhas elásticas numa delas. Mas só porque os berlindes não paravam de fazer barulho e os pés do Adam começaram a cheirar a fruta. Eu ia simplificar e esconder no estojo todo o dinheiro que tinha poupado dos meus anos. Assim, se o Prof. Scott me visse a abri-lo, ia só pensar que eu estava a ser um aluno dedicado.

— Eu vou guardar o dinheiro a mais nas mangas — disse a Sangeeta enquanto nos dirigíamos ao recreio para nos encontrarmos com os pais dela.

Os pais da Sangeeta chegavam sempre cedo e sabiam que os meus chegavam sempre tarde, por isso deixavam-me ficar no carro com ela e davam-me lanchinhos até um dos meus pais chegar. Normalmente, davam-me uma chamuça enorme, do tamanho da minha cara, ou pastéis de cebola frita que pareciam extraterrestres com tentáculos esmagados, mas às vezes, com sorte, também me traziam uma barra de chocolate das grandes.

— Como é que isso vai funcionar? — perguntei, no momento em que a mãe dela buzinou.

— Chiu! — sussurrou a Sangeeta. Depois, voltando-se de maneira que a mãe não nos visse do carro, puxou a manga do casaco da escola. Tinha uma impecável nota de cinco libras presa à manga com um enorme clipe prateado. — Testei o sistema hoje. Vês? E funcionou! Ninguém

reparou. Nem quando tive de lavar as mãos no lavatório mesmo à frente do Prof. Scott.

— Esperta — disse eu com um sorriso, pensando se conseguiria fazer o mesmo.

— Devias fazer o mesmo — sugeriu a Sangeeta, dando meia-volta e avançando em direção a um carro preto e brilhante. — Anda, hoje veio a minha mãe! A ver quem ganha!

Corri atrás dela e *por pouco* não ganhei. A Sangeeta sorriu e deitou-me a língua de fora. Depois, abriu a porta do carro e entrámos.

— Olá, Leo! Queres uma? — perguntou a Sra. Singh, no seu tom melodioso. — É de legumes, como sempre.

Estendeu-nos uma caixa de plástico com duas enormes chamuças triangulares sobre uma camada de guardanapos.

— Obrigado, Sra. Singh — disse eu.

Tirei uma e a Sangeeta tirou a outra, e afundámos a cara nelas ao mesmo tempo.

— Estão entusiasmados com a visita de estudo de amanhã? — perguntou a Sra. Singh, dando-nos um guardanapo.

Fizemos que sim com a cabeça porque não conseguíamos falar, de tão ocupados que estávamos a trincar os enormes pedaços de batata amarela e ervilha meio esmagada.

— Boa! — disse a Sra. Singh. — Eu e o Sr. Singh nunca fomos ao museu a que vão. Por isso, estou desejosa de que nos contem como é quando voltarem amanhã da escola!

Enquanto engolia um pedaço gigante de batata picante, veio-me à cabeça uma dúvida, que me saiu disparada pela boca.

— Sra. Singh... Alguma vez conheceu alguém que tivesse estado na Segunda Guerra Mundial?

A Sra. Singh voltou-se no banco da frente e olhou-me de testa franzida.

— Hum... — murmurou. — Por acaso, sim, conheci! Antes de a Sangeeta nascer, conheci um homem...

— Ei! Mãe!

A Sra. Singh revirou os olhos.

— Para de ser impertinente, Sangeeta! — retorquiu logo, e abanou a cabeça antes de continuar. — Como estava a dizer, antes de tu nasceres, eu morava ao lado de um homem muito, muito velhinho que tinha combatido em Itália, e a seguir na Índia, e depois na Birmânia. Tínhamos conversas muito interessantes. Mas, infelizmente, o senhor já morreu há muito.

— Como é que se chamava? — perguntou a Sangeeta.

— George... George qualquer coisa... Marshwall? — respondeu a Sra. Singh.

Outro George: eu sabia!

— Acha que ele podia ser da família real? — perguntei, pensando se estaria certa a minha suspeita.

A Sangeeta olhou para mim de sobrolho franzido, e a mãe dela riu-se e disse:

— Não. Não me parece que algum membro da família real more num bairro social em Birmingham. Ah, olha! Está ali o teu pai!

A Sra. Singh buzinou baixinho e abriu a janela do carro para acenar ao meu pai.

— Até amanhã, às 8 em ponto! — disse a Sangeeta, e eu pus o resto da chamuça na boca e saí do carro num salto. — E não te esqueças do clipe! — acrescentou entredentes.

Fiz-lhe um sorriso de esguelha enquanto fechava a porta, corri para o meu pai e agarrei-lhe a mão.

— Desculpa o atraso — disse ele, com a cara vermelha e transpirada como se tivesse acabado de fazer uma maratona. — Fiquei preso no trabalho. E a mãe está algures em Bristol.

— Não faz mal, pai.

Pusemo-nos a caminho de casa de mão dada. Ao andarmos pela cidade, senti as pessoas olharem pelo canto do olho e falarem mais baixo ao verem-nos passar. Já estava habituado, por isso tentei não dar importância. Além disso, tinha coisas mais importantes em que pensar. Como por exemplo: como havia de trocar todas as moedas que tinha recebido nos anos por uma nota de cinco libras, e onde havia de encontrar um clipe gigante.

2. A NÓDOA NEGRA INVISÍVEL

— Estás pronto, Leo?

Acenei. A minha mãe estava a enfiar uma enorme lancheira na minha mochila. Aos seus pés, a minha irmã bebé, a Jingyi, tentava enfiar a cabeça inteira de um urso de peluche na boca. A minha mãe ainda tirou uma maçã, uma banana e uma ameixa do frigorífico e pô-las em cima da lancheira.

— Mãe! Não preciso de tanta comida! Não vou para o estrangeiro! — queixei-me.

Tinha de ter espaço na mochila para os doces que queria comprar! Além disso, já sentia o cheiro dos *wraps* de frango e *kecap manis** a vir da minha mochila e estava mesmo a ver que iam passar a viagem de autocarro a deitar aquele cheiro. Eram os meus preferidos, mas às vezes gostaria que os meus pais me dessem uma simples sandes de queijo, que era o que toda a gente levava.

* Molho de soja doce indonésio. [N. T.]

Ainda bem que o Toby e a Catherine não vinham também, pois de certeza que fariam troça de mim. Uma vez, o pai da Sangeeta preparou-lhe um *bhaji** de brócolos muito verde para o almoço e o Toby e a Catherine foram espalhar pela turma inteira que ela estava a comer macacos do nariz e ninguém, além de mim, lhe falou durante dois dias.

— Hás de agradecer à tua mãe quando estiveres cheio de fome — disse o meu pai, saindo da cozinha. Parou em frente ao espelho no corredor, como fazia todas as manhãs. Estava sempre a tentar pentear o seu cabelo preto e liso de uma forma diferente, mas era inútil. Por mais que tentasse puxá-lo e esticá-lo, caía sempre da mesma forma. Tinha o mesmo tipo de cabelo que eu: daquele que nunca nos dá ouvidos.

— PAI, SAI DA FRENTE! ESTOU ATRASADO! — berrou o meu irmão Bo, descendo as escadas como um pedregulho humano. O meu pai deu um salto para trás de braços no ar e o Bo saiu a correr, batendo com a porta.

— Aquele miúdo! — reprovou a minha mãe, metendo-se pelo corredor. Segui-a e vi-a pôr o casaco e a mala num braço e, com o outro, pegar na Jingyi, que tinha ido atrás dela a gatinhar. Voltou-se e deu-me um beijo na cabeça. — É tal qual o tio Tai. Chato como o papagaio.

— Mãe, diz-se chato como o *raio* — corriji logo. — Não é papagaio.

* Salgado frito tipicamente indiano. [N. T.]

Apesar de a minha mãe ter ido viver para Inglaterra mesmo antes de o Bo nascer e de ser uma cientista brilhante, ainda tropeçava na língua. E na ortografia!

— Hum, não. Ele é chato como um papagaio, por isso vou continuar a dizer «papagaio» — insistiu a minha mãe. Aproximou a Jingyi de mim para que eu me despedisse dela com um beijo. A Jingyi olhou para mim com olhos muito redondos, como se me estivesse a avisar que não o fizesse. Para um bebé de 10 meses que ainda não falava, não há dúvida de que sabia expressar-se.

Dei-lhe um beijo ainda assim, e ela deu-me uma palmada na cara. Com as duas mãos.

Satisfeita, a minha mãe voltou-se para o meu pai para lhe dar um beijo. E depois, apesar de eu estar mesmo ao pé dela, gritou:

— Hoje vou eu buscar-te, Leo! Até logo!

Saindo a correr com a Jingyi a gorgolejar ruidosamente, bateu com a porta tal como o Bo.

— Tal mãe, tal filho, não é? — disse o meu pai com um sorriso. — Tens tudo?

Toquei nervosamente na manga do casaco. Por baixo estava a minha nota secreta de cinco libras, presa com duas molas de estender a roupa. Não podia correr riscos. Se fosse uma criança normal numa família normal e recebesse uma semanada, teria sido fácil arranjar uma nota de cinco libras. Mas, na história da minha família, jamais um adulto tinha dado dinheiro aos filhos por não fazerem nada, por isso contei todos os trocos que me tinham sobrado do

dinheiro do aniversário e do dinheiro para almoçar, e ao jantar ainda dei todos os meus *dumplings** de frango ao Bo, para conseguir aquela nota. Certifiquei-me de que estava mesmo segura e em boas condições e acenei com a cabeça.

O meu pai abriu a porta e fez-me sinal da rua. Eram exatamente oito horas e três minutos, o que queria dizer que não havia maneira de chegar atrasado ao autocarro e ao Prof. Scott.

Entusiasmei-me e fui depressa atrás do meu pai, que virou à direita e depois seguiu em direção à pequena vila em que vivíamos.

Como todas as vilas minúsculas construídas no meio do nada por razões que não me parece que alguém conheça, o centro da minha vila tem uma padaria, um minimercado, uma farmácia, uma tabacaria e uma taberna. A taberna chama-se *O Cisne Errante*, embora nunca ninguém tenha visto um cisne na vila. Acho que se chama assim por causa de um cisne que um dia se perdeu enquanto vagueava e veio parar aqui, mas como não quis acreditar no aborrecimento que isto era, acabou por ir vaguear para outro lado. E depois disse a todos os outros cisnes que não valia a pena virem para estes lados.

Havia também um banco que nunca estava aberto, com uma caixa multibanco que nunca funcionava, uma pequena estação de comboios e uma paragem de autocarro junto da qual pareciam estar sempre três pessoas de pé, fosse a que

* Pastéis de massa asiáticos. [N. T.]

horas fosse, de dia ou de noite. Apesar de o autocarro só passar duas vezes por hora e de não passar depois das nove da noite. A minha escola ficava mesmo do outro lado da vila a contar de nossa casa, depois de várias plantações de hortícolas mais altas do que eu, no último pedaço da rua principal antes da autoestrada.

Passei pelas lojas, a estação e a paragem de autocarro e fiz o que fazia sempre: não tirar os olhos do chão e ignorar todas as pessoas que ficavam a olhar para mim e para o meu pai. Mas, apesar de não as conseguir ver, conseguia senti-las, porque, quando as pessoas olham para nós, emanam uma energia através dos olhos, tal como o Super-Homem com os seus olhos de laser. Pelo menos, é o que a Sangeeta diz. Como também estão sempre a olhar para ela, sabe do que fala.

O meu pai está sempre a dizer-me que as pessoas olham para mim por eu ser «especial» ou «tão bonito que as pessoas não aguentam». O que significa que também ele deve ser «especial» ou «tão bonito que as pessoas não aguentam», porque também olham muito para ele. Não de uma forma má. Olham como se quisessem ter a certeza de que ele existe mesmo, e de que eu existo, e de que a minha mãe e a Jingyi e o Bo existem. Estejamos onde estivermos, seja no restaurante, no parque ou na praia, as pessoas olham e falam-nos sempre de uma maneira diferente. Às vezes, falam-nos muito alto e devagar, porque acham que não falamos inglês. É por isso que temos sempre de nos portar muito bem, não vá dar-se o caso de assustarmos alguém.

Mesmo quando as outras pessoas não parecem importar-se minimamente com o seu comportamento ou nos assustam.

— Baba*?

— Hum?

— Alguma vez conhecestes alguém que tivesse combatido na Segunda Guerra Mundial? Alguém do nosso país ou da nossa família, ou algo do género? — perguntei, quando chegámos ao fim dos campos que se estendiam ao longo da estrada que ia ter à escola. Ao longe, vi a Kerry com a avó e a irmã mais velha e, à frente delas, o Toby, que ia sozinho, batendo com uma bola de ténis no chão.

O meu pai abanou a cabeça.

— Não, na verdade, não. Sei que na nossa família houve quem tivesse trabalhado em fábricas e feito coisas para ajudar nos esforços de guerra a partir de Singapura. Mas, tanto quanto sei, nenhum deles combateu nem morreu nos campos de batalha. Seja como for, muitos deles morreram antes de eu nascer, por isso nunca os conheci. Porquê?

— Oh — disse eu, com o coração a afundar-se. Talvez o Toby tivesse razão e eu e a Sangeeta não merecêssemos ir à visita de estudo, já que não tínhamos nenhum herói de guerra na família, como ele, que tinha os seus bisavós.

— Por nada.

Mas, quando chegámos aos portões da escola, esqueci por completo a pergunta que tinha feito ao meu pai, porque ali estava... um autocarro como deve ser! Daqueles que têm

* Forma de tratamento para «pai» usada em certos países. [N. T.]

cortinas e tudo. Parecia gigante, como um hotel andante, e muito mais confortável do que as carrinhas brancas em que íamos visitar as quintas.

O Prof. Scott e a Prof.^a Whittaker estavam junto aos grandes portões da frente, acompanhados dos pais voluntários, que vestiam coletes amarelo-fluorescentes. Traziam blocos de notas e acenavam a toda a gente, como se fossem superestrelas. As pessoas do meu ano pareciam já ter chegado e faziam fila aos pares. Os miúdos dos outros anos que iam passando olhavam invejosamente. Um rapaz do 6.º ano gritou ao passar:

— Gary! Ei! Gary! Sim, tu! Sou amigo do teu irmão, lembras-te? Traz-nos chocolates, está bem?

Quando o meu pai foi ter com o Prof. Scott para lhe dar o envelope com o dinheiro que me era permitido gastar, avistei a Sangeeta, com as suas galochas azuis preferidas, e fui a correr ter com ela. Andava sempre de galochas, estivesse frio ou calor. Tinha pelo menos treze pares diferentes e dizia que gostava de andar sempre com elas, porque assim estava em condições de chapinhar nas poças ou dar um chuto numa bola a qualquer altura. Estava prestes a mostrar-lhe a minha nota de cinco libras oculta, quando de repente alguma coisa me bateu na perna como um míssil minúsculo e brilhante.

— AAAAAU! — gritei.

Levei de imediato as mãos à zona ferida e vi a bola de ténis amarela que me tinha atingido voltar para as mãos do Toby, que fez um sorriso falso e voltou a atirar a bola

com toda a força na minha direção. Tentei desviar-me, mas não fui suficientemente rápido e a bola bateu-me no braço. Antes de ela voltar para trás, lancei-me depressa para a frente e apanhei-a.

— PROFESSOR, PROFESSOR! AQUELA BOLA É MINHA! — gritou o Toby. — O LEO ROUBOU-ME A BOLA!

O Prof. Scott e o meu pai voltaram-se para olhar para nós e toda a gente à nossa volta ficou em silêncio.

— O que é que se passa? — perguntou o Prof. Scott com um enorme suspiro, como se já estivesse cansado.

— O LEO ficou com A MINHA BOLA! — gritou o Toby outra vez, apontando para mim, como se quisesse ter a certeza de que o Prof. Scott sabia quem eu era.

— Ele bateu-me com ela PRIMEIRO! — gritei de volta.

— É verdade? — perguntou o Prof. Scott, olhando para o Toby de sobrolho carregado.

O Toby abanou a cabeça, mas a Sangeeta exclamou:

— SIM! É verdade, SIM! O Toby acertou duas vezes com a bola no Leo! E por pouco não acertou em mim!

— Foi SEM QUERER! — mentiu o Toby.

O Prof. Scott estendeu a mão na minha direção e eu dei-lhe a bola.

— Não é sem querer que se acerta com a bola em alguém *duas vezes*, Toby — disse o Prof. Scott, abanando a cabeça. — Já para a sala do Prof. Denby! E isto fica comigo — acrescentou, erguendo a bola de ténis. — Vai. JÁ.

Olhei para o Prof. Scott e depois para a Sangeeta. O Toby tinha-me batido com a bola de propósito — duas vezes! —,

e não ia ficar de castigo nem ralhavam com ele como deve ser! Olhei para o meu pai. Queria que ele fizesse alguma coisa, que dissesse alguma coisa. Que ralhasse com o Toby por me ter magoado! Mas o meu pai limitou-se a assistir sem dizer nada. Como sempre.

Assim que o Prof. Scott se voltou para o outro lado, o Toby lançou-me um sorriso maldoso como quem diz «ganhei». A seguir, entrou pelos portões e desapareceu no recreio.

Olhei para o espaço vazio que ele tinha deixado e senti os olhos a inchar, as bochechas a arder e a garganta a fechar-se como se tivesse sido atacado por um enxame de vespas furiosas.

— Peço desculpa, Sr. Lim. O Toby é um dos nossos... rapazes mais vivazes — explicou o Prof. Scott, pondo a bola no seu saco. — Volta e meia, é preciso dar-lhe uma palavrinha.

O meu pai disse:

— Não tem problema. São coisas que acontecem. Divirtam-se, miúdos. — E, piscando o olho, foi andando em direção à vila, para apanhar o comboio para o trabalho.

Em segundos, tudo voltou ao normal e, ao fim de alguns minutos, pudemos entrar no autocarro e sentar-nos. Queria estar tão entusiasmado com a visita como no dia anterior, mas as nódoas negras no braço e na perna estavam a doer-me e parecia que se iam estender ao peito. Por isso, em vez de estar contente, sentia-me dorido. Agora que o Toby sabia que ninguém se importava com as bolas que me

atiravam, era provável que não parasse de o fazer! Porque é que o meu pai achava que «não tem problema» as pessoas atirarem-me coisas e não ficarem de castigo? Porque é que ele *nunca* dizia nada quando alguém era mau para mim? Porque é que ficava sempre tão calado e era tão simpático para as pessoas más? Não se importava que me magoassem?

Quanto mais pensava nisto, mais sentia a nódoa negra crescer e crescer dentro de mim e mais dorido me sentia. E a sensação não passava sequer com o facto de irmos a um museu a sério ver um avião de verdade e a uma catedral rodeada de lojas de doces. Nem com o facto de saber que tinha uma nota de cinco libras a mais para gastar nas lojas de doces. Porque há feridas que não se curam num dia. Especialmente quando são antigas e continuam a levar pancada.

Enquanto toda a gente à minha volta falava e cochichava animadamente, eu olhava para o chão. Era como se a ferida fosse ficar dentro de mim para sempre e só desaparecesse se acontecesse alguma coisa incrível e inesperada. Alguma coisa que me conseguisse fazer esquecer por completo a sua existência.

Mas a probabilidade de uma coisa assim acontecer a alguém como eu, ou como a Sangeeta, era nula, se não menor ainda. Éramos demasiado diferentes para que nos acontecessem coisas incríveis. E a ferida sabia-o.

**Uma narrativa divertida e emotiva
sobre a importância da nossa identidade
e o impacto do racismo.**

A família do Leo é de Singapura e a da Sangeeta é da Índia, mas os dois amigos vivem e estudam em Inglaterra. Por causa das suas origens, eles são muitas vezes discriminados e alvo de comentários racistas e xenófobos por parte de alguns colegas e vizinhos.

Um dia, numa visita de estudo, o Leo descobre uma enorme placa de mármore com uma lista de nomes de soldados que lutaram na Segunda Guerra Mundial. Ali, ele vê algo simplesmente inacreditável: um nome igualzinho ao seu. Quem seria aquele homem?

O Leo e a Sangeeta decidem investigar e iniciam uma viagem emocionante, na qual encontram heróis desconhecidos que representam as mais diversas culturas e etnias. A prova de que, qualquer que seja a nossa origem, todos podemos realizar grandes feitos e conquistar um lugar na História.



**Também
vais adorar
ler estes:**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

9+

ISBN 9789896234850



9 789896 234850 >